

O PSICODRAMA MORENIANO E O JUDAÍSMO: DUAS ENCENAÇÕES TERAPÊUTICAS

—

LUCIANO MOURA

Artigo publicado na revista "Psicodrama", nº11, de Outubro 2024



Resumo:

Neste trabalho abordam-se aspectos da biografia de Moreno relacionados com o judaísmo e como a Torá e a Cabala teriam exercido influência sobre o seu pensamento e a sua obra. Aborda-se ainda uma reflexão sobre os paradoxos bíblicos do Bem e do Mal. Inspirado nesta temática, o autor apresenta duas histórias de encenações psicodramáticas terapêuticas baseadas em passagens bíblicas.

Palavras-chave:

Judaísmo, paradoxos, anjo, psicodrama, sociodrama.

—

Abstract:

This paper discusses aspects of Moreno's biography related to Judaism and how Torah and Kabbalah would have influenced his thought and work. A reflection on the biblical paradoxes of Good and Evil is also addressed. Inspired by this theme, the author presents two stories of therapeutic psychodrama sessions based on biblical passages.

Keywords:

Judaism, paradoxes, angel, psychodrama, sociodrama.

A inspiração inspiradora de Moreno

Moreno, desde muito jovem, leu e estudou diversas filosofias e teve uma formação eclética. Apesar da sua reconhecida influência existencialista desde Kierkegaard, Heidegger e outros, e de ser um incansável estudioso nestes campos, a inspiração de Moreno provinha mais das tradições religiosas, da filosofia grega e do drama clássico, do que da psiquiatria e da ciência social moderna. Foi fortemente influenciado pela filosofia hassídica de Martin Buber e outros filósofos judeus. A Cabala e a Torá exerceram forte influência sobre o seu pensamento e a sua obra. É sobretudo neste tema que incido este trabalho.

Jacob Moreno Levy (seu nome de registo de nascimento) nasceu na Roménia a 18 de Maio de 1889, numa família judia-sefardita. Seu pai, Nissim Moreno, era descendente de uma antiga família de professores e comerciantes judeus. Sua mãe, Pauline Moreno, vinha de uma família judia-turca, estudou num convento, de onde foi retirada pelos familiares aos 14 anos para se casar. Pauline era uma eximia contadora de histórias (tal como ele próprio se tornou). Por isto, Moreno conhecia as histórias de Cristo e dos santos do cristianismo.

Nissim Moreno Levy era um homem sério e reservado, “senhor absoluto” do lar, atento e afectuoso. Era, contudo, um tanto irregular, ausentava-se frequentemente, começava novos negócios que em regra fracassavam.

A família era pouco observante da religião. Porém, as tradições judaicas eram fortemente mantidas: Aos 13 anos todos os rapazes judeus são chamados a ler a *Parashá* (porção semanal da Torá que é lida em todo o mundo judaico nas sinagogas, ao sábado pela manhã). É a cerimónia do *Bar-Mitzvá*, que normalmente é seguida por um almoço festivo. A partir deste momento passam a ser considerados como adultos junto da comunidade e passam a “contar para *Miniam*” (grupo de, pelo menos, 10 judeus, necessários para que seja permitido realizar na íntegra uma cerimónia de Shabat, por exemplo). Moreno fez o seu *Bar-Mitzvá*, conforme a tradição.

Por vezes pergunto-me, até que ponto a concepção dos palcos de Moreno (fig.1) teria sido inspirada no Zohar- trabalho fundamental da literatura e do misticismo judaico, ou seja, da Cabala. Aqui refere-se (resumidamente) que: “o mundo físico onde vivemos, o universo que nos rodeia, observados objectivamente, são apenas uma parte de um sistema de mundos de uma vastidão inimaginável. A maioria desses “mundos” são espirituais na sua essência; são de

uma ordem diferente do nosso mundo conhecido. Os diversos mundos interpenetram-se e interagem entre si. O mundo onde vivemos é o “**mundo da acção**” (o nível superior dos palcos de Moreno, onde se desenrola a encenação psicodramática?), o mundo de natureza física, onde se situa a criatura humana, sujeita às leis físicas, químicas e biológicas da natureza. No entanto, o “mundo da acção” é apenas um de **quatro mundos** diferentes, cada um com o seu próprio cosmos de essências variadas. Esses quatro mundos foram chamados, na ordem do superior ao inferior, “**emanação**”, “**criação**”, “**formação**” e “**acção**”. Acima do “mundo da acção” situa-se o “mundo da formação” (o segundo degrau, mais estreito, dos palcos de Moreno?) Poderíamos dizer que o “mundo da formação” é habitado por manifestações conscientes de impulsos particulares – impulsos para realizar um ou outro acto ou reagir de uma ou outra maneira – ou o poder de levar à prática um incentivo, realizar, cumprir a tendência de uma inclinação ou de uma inspiração. As criaturas que habitam este “mundo da formação” são, de modo geral, chamadas “**anjos**”, entendendo-se como realidades espirituais com seu próprio conteúdo, suas qualidades e seu carácter singular, unidimensional. O anjo poderá ser emissário do homem em relação a outros anjos de nível superior, ou de Deus em relação ao homem.

O mundo acima deste é o denominado “mundo da criação” (primeiro degrau, mais largo, dos palcos de Moreno?). Este é um mundo de mente pura. Não é uma essência meramente intelectual, expressa-se como o poder e a capacidade de captar coisas com uma compreensão autêntica, interior; é a mente como criador, assim como aquela que regista e absorve o conhecimento. As almas que vivem nele são os anjos superiores, chamados “**serafins**”.

O que está acima é o “mundo da emanação” (parte inferior dos palcos de Moreno, ao mesmo nível da plateia?). Aqui é onde Deus se “oculta”, é Deus Ele Mesmo. E oculta-se porque quando a divina abundância é manifestada em sua plenitude, não há espaço para a existência de nada mais. Um “mundo” somente pode existir como resultado do ocultamento do seu Criador (Steinsaltz, 2002).

No misticismo judeu, *Tzimtzum* (do hebraico: “**contração**”, “**constricção**”) refere-se à teoria cabalística que na criação Deus “**contraí**” a Sua infinita essência para permitir um “espaço conceitual” no qual um mundo finito e independente possa existir. O conceito de *Tzimtzum* contém um paradoxo embutido, pois ele exige que Deus seja simultaneamente **transcendente** e **imane**nte.

Assim, o *Tzimzum* permite que o ser humano possua **livre-arbítrio** e se torne **espontâneo** e **criador**, uma vez que na Bíblia, tal como se lê em Gênesis (Bershit,26), Deus diz: “faça-se o homem à nossa imagem e semelhança”. Como tal, cria um ser igualmente criador na sua essência.

Deus inclui o Homem no Seu plano global. Não se contentando com a criação de um “**sujeito passivo**”, de uma simples **imitação** de Si próprio, mas pretendendo criar um Ser capaz de Espontaneidade e igualmente “**criador**”. (MOURA, 2001).

Assim, os quatro níveis dos palcos de Moreno, desde o inferior onde se encontra a plateia até ao superior onde se desenrola a **acção** psicodramática lembram-me os esquemas dos quatro mundos cabalísticos, acrescentando-se a galeria onde Deus (Protagonista) se manifestaria na Sua divina ubiquidade.

Não se trata, aqui, de metafísica, mas verdadeiramente de um papel psicodramático, daqueles para os quais Moreno previa a galeria ou uma plataforma móvel a um nível superior no seu projecto inicial de palco psicodramático.(TORRES, 1994).

Moreno, aos 4 anos, brincava com os amigos fazendo de conta que era Deus, empilhando peças de mobiliário e colocando-se no alto. Assumiu de tal forma esse papel que achou que poderia voar. Fracturou um braço. Posteriormente, a leitura e a interpretação do Gênesis causaram nele uma profunda impressão. A atitude de representar o papel de Deus levou-o a excentricidades como aquela vez em que estava com os amigos num café em Viena e alguém noutra mesa exclamou:

- Ó meu Deus!

Moreno levantou-se, olhou em redor e disse:

- Alguém me chamou?

A escola religiosa judaico-hassídica que ele frequentava desenvolveu nele a ideia fixa do papel de Deus e a missão de ser um “deus actuante”, directamente ligado aos semelhantes, orientando-os e ajudando-os.

Numa tentativa de melhor entender o pensamento de Moreno em relação a este tema, descrevo aqui, de forma sucinta, a crença judaica em relação à “alma humana”: No judaísmo

acredita-se que o ser humano é um ser essencialmente espiritual que tem um *corpo*. Além deste *corpo*, o ser humano possui *nefesh*, *ruakh* e *neshamá*.

Nefesh é o “espírito” propriamente dito. No misticismo judaico tudo o que existe na Natureza tem um espírito. Assim, fala-se do “espírito do vinho”, do “espírito de um aroma”, do “espírito de um arco-íris”, do “espírito de uma música”, do “**espírito de um encontro**”, etc. Sempre que um judeu religioso bebe, por exemplo, um copo com água, recita uma oração apropriada, abençoando o espírito da água que deixará de o ser para se tornar parte integrante do espírito dessa pessoa. O mesmo se passa se acontece um encontro com uma pessoa querida, em que ambas as pessoas recitam uma oração que abençoa o **espírito do encontro** que irá fazer parte dos espíritos de cada um, quiçá dentro do conceito Aristotélico de que “o todo é maior que a soma de suas partes”, tornando-se isto “enriquecedor” para ambos os espíritos.

Ruakh tem a ver com o que permanece dos seres vivos após a sua morte, tem a ver com as memórias, com as obras feitas, como escreveu Camões nos *Lusíadas*: “*aqueles que por obras valerosas se vão da lei da Morte libertando*” (CAMÕES, 1572). Não é, contudo, imortal, uma vez que tudo o que tem um começo também terá o seu fim (segundo a crença judaica).

Neshamá é a parte mais sublime da alma humana, a parte verdadeiramente imortal. Os judeus acreditam que o ser humano só possui *neshamá* desde há 5783 anos (data do nascimento de Adão), altura em que Deus teria “presenteado” o ser humano com esta parte da sua alma com características de imortalidade. Na crença judaica tudo o que é “imortal” também “sempre existiu”. Ou seja, tudo o que não tem um *Fim*, nunca teve um *Começo*. Assim, a *Neshamá* de cada ser humano *sempre existiu*. E como apenas Deus sempre existiu, a *neshamá* é uma centelha do Ser Divino.

Por isto, pergunto-me se de algum modo Moreno se teria inspirado nestes conceitos quando diz ser Deus no seu poema “*As Palavras do Pai*”; e na segunda página diz “*As palavras do pai sempre existiram*”, tal como a sua *neshamá*, assumindo a sua *imanência divina* do conceito cabalístico de *Tzimtzum*...

É inegável, como dizia Pierre Weil, que Moreno conhecia profundamente os ideais hassídicos e a Cabala.

Contudo, Moreno nada escreveu sobre conhecimentos que, a meu ver, tanto o influenciaram.

Na sua época, os judeus da Europa tinham três caminhos a seguir: assumir totalmente a sua condição e, portanto, serem segregados pela sociedade anti-semita; converter-se a outra religião; ou assumir o papel de livre-pensador, não ligado a qualquer doutrina religiosa. Moreno teria escolhido o terceiro caminho. (NUDEL, 1994).

Moreno foi capaz de dar respostas novas a questões antigas, como as “diversas conservas culturais”, no seu mais importante pensamento: “O Homem Espontâneo, cujo resultado o tornaria, criativo”. (NUDEL, 1994).

Paradoxos bíblicos do Bem e do Mal.

Maimónides (rabino, médico, e filósofo, nascido em Córdoba no sec. XII, figura proeminente tanto na tradição judaica como na islâmica), no segundo capítulo da secção de abertura do *Guia dos Perplexos*, aborda uma questão que lhe foi colocada relativamente ao ser humano antes e depois de comer o alimento proibido. Aparentemente, Adão e Eva, depois de comerem o fruto proibido, receberam a capacidade de “distinguir o bem e o mal” (Genesis 3:22). Nas palavras de Maimónides, “Parece assim estranho que o castigo pela rebeldia seja o meio de elevar o Homem a um apogeu de perfeição, que não tinha atingido anteriormente”. Se de facto Adão e Eva eram incapazes de distinguir previamente entre o bem e o mal, então a sua desobediência resultou numa elevação à capacidade de fazer essa distinção. Parece incongruente que precisamente por se comportar de uma forma incorrecta, se seja recompensado.

Qual a diferença entre *emet-sheker* (verdadeiro-falso) e *tov-ra* (bom-mau)? Numa palavra, a dimensão do verdadeiro-falso lida com valores absolutos enquanto a dimensão bom-mau lida com valores relativos. Como Maimónides assinala, não é adequado empregar os termos “bom” e “mau” em relação a afirmações tais como “a terra é plana”. Ou a terra é plana ou não é, caso em que a afirmação ou é verdadeira ou falsa. Antes da desobediência, então todos os valores estavam na categoria de verdadeiro ou falso. O ser humano percepcionava os assuntos em termos das verdades objectivas que lhes estavam associadas, e isto aplicava-se também aos valores.

No entanto, a introdução do interesse próprio, com Eva a aperceber-se de que a fruta era atraente e a antecipar que seria bastante saborosa, introduziu uma nova dimensão da

percepção humana da realidade. Esta dimensão consistia na capacidade de reduzir a verdade objectiva a valores relativos. Por outras palavras, o método de julgar se um comportamento era *admissível* ou não, foi reduzido a “bom” ou “mau”. “A mulher viu que a árvore era boa para fornecer alimento” (Génesis 3:6) e depois comeu o fruto proibido.

A partir daquele momento, os juízos sobre os valores foram relegados para a dimensão do bem e do mal. Já não julgamos baseados na verdade objectiva ou na falsidade. Em alternativa, quando lutamos com a aceitabilidade de uma norma específica, não podemos apontar para uma verdade objectiva ou esperar que ela seja percebida, mas sim lidar com imperativos categóricos, conceitos universalizáveis, ou demonstrar que adoptar um certo padrão de comportamento é *bom*. (BULKA, 1983). Será que já se esboçava na antiguidade o conceito de **Espontaneidade** de Moreno?

O pensamento de Moreno sobre estes assuntos tem sido para mim inspirador, sobretudo sob o ponto de vista clínico:

No nº 6 desta revista publiquei, com a Dra Amélia Bentes, um trabalho baseado na escritura bíblica do Livro de Génesis: - “O Fruto Proibido”, do Valor de uma Encenação Terapêutica.

No presente trabalho apresento mais duas encenações terapêuticas, a primeira, psicodramática, baseada ainda no Livro de Génesis e a segunda, sociodramática, baseada no Livro de Números.

Por razões óbvias os nomes dos clientes serão deturpados.

Onde está o anjo?

O Pedro era um senhor que frequentou um grupo de Psicodrama que dirigi no Serviço de Psiquiatria do Hospital de S. João, no Porto. Trabalhava como contabilista numa média empresa. Era o elemento mais assíduo do grupo, que frequentou durante vários anos. Tinha história de Episódios Depressivos Graves. Dizia que o Psicodrama lhe salvou a vida desde o dia em que, no início da sessão, atirou para o meio do palco uma corda que trouxe de casa, confessando, com arrependimento, que tinha planeado suicídio por enforcamento.

O Pedro era casado, tinha um relacionamento conflituoso com a mulher, que acusava de ser sempre muito exigente e não parar de lhe ralhar durante horas seguidas. Usava próteses

auditivas que por vezes retirava só para não ter de a ouvir. Refugiava-se na garagem de casa onde se entretinha a fazer esculturas em madeira. Tinha três filhas que eram a “sua razão de viver”, a sua maior preocupação.

Na fase de aquecimento das sessões, quando se pedia ao grupo o feedback da sessão anterior, o Pedro raramente se referia ao que se tinha passado no contexto dramático. Normalmente referia-se aos meus comentários finais das sessões. Para ele isso era o mais importante mesmo se eu lhe dissesse que, na verdade, a parte nobre do Psicodrama era o que se passava no palco e não tanto os comentários da equipe terapêutica. Tudo o que eu dissesse estava sempre certo para ele, mesmo se assim não fosse.

Um dia, surgiu como emergente grupal da sessão a temática dos vínculos pais-filhos e o Pedro saiu como protagonista, na sua, por vezes, exagerada preocupação com as filhas e de muitas vezes não saber ao certo o que deveria ou não fazer com elas. Considerava que não era um “bom pai”, apesar de reconhecer que as filhas o “adoravam”. Propus-lhe então a encenação de uma passagem da Bíblia, do livro de Gênesis (*Torá-Bereshit/Vaierá:22*), em que Deus ordena a Abraão que tome o seu filho Isaac, a quem muito amava (Deus tinha prometido a Abraão que de Isaac sairia a sua descendência), vá ao monte Moriá e o ofereça ali como oferta de elevação (tal como faziam os hebreus nesse tempo, imolando um animal num altar). Abraão assim fez, sem hesitação, edificou um altar, pôs lenha em ordem, amarrou o seu filho e pegou numa faca para o imolar. Nessa altura o Eterno enviou um anjo que lhe disse: “Abraão, Abraão, não faças nada ao teu filho pois agora sei que és temente a Deus...” e, entretanto, apareceu um carneiro que o patriarca ofereceu em lugar de seu filho.

Pedi ao Pedro que assumisse o papel de Abraão, escolhesse um ego auxiliar do grupo para ser Deus (que coloquei numa plataforma que geralmente tenho nas salas de psicodrama para elevar um pouco a pessoa) e um outro para ser Isaac, que escolheu ser uma rapariga do grupo. Trocou de papéis com os outros elementos para melhor interiorizar a cena e, seguidamente, já com o Ego/Isaac ajoelhado junto ao “altar” que ali construiu, pegou num objecto que simbolizava a faca e ali ficou parado, à espera, talvez, de que eu lhe enviasse um anjo, talvez, quiçá, o meu ego auxiliar, para o impedir de matar o filho... tentava de várias formas estabelecer contacto visual comigo, mas eu nada dizia e afastava-me do seu campo de visão. Então o ego auxiliar que representava Deus, dizia-lhe:

- “Anda lá Abraão, mata lá o teu filho! Estás à espera de quê? Julgas que não tenho mais que fazer?”

Como o Protagonista/Abraão permanecesse de “faca” na mão, à espera do anjo que nunca mais aparecia, o ego auxiliar que representava Isaac dizia:

- “Anda lá pai, acaba lá com isto que já me doem as costas!”

E assim permanecia o Pedro, sem saber o que fazer. Como era possível que o Dr. Luciano, pessoa a quem tanto admirava, o colocasse numa situação dessas e o mandasse fazer tal coisa, conhecendo-o como conhecia? E, subitamente, largou a “faca”, abandonou o espaço dramático e foi parar a um canto da sala, muito ansioso, e dizia-me:

- “Ó Dr. Luciano desculpe-me. Olhe só como me portei. Isto não é normal em mim...”

Então respondi-lhe:

- “não é normal em si? Onde estava o **anjo** afinal?”

O Pedro comoveu-se, finalmente tinha compreendido que o anjo estava **dentro** dele. Tinha, de algum modo, assumido o seu locus de controle interno, que há muito estava externalizado.

Segundo Jay Haley, “sempre que alguém proporciona a outro uma classe de comportamento que é incongruente com outra classe de comportamento que o classifica, estabelece-se um paradoxo. E a *causa* da mudança terapêutica radica nas estratégias paradoxais da relação terapêutica”. (Haley, 1971).

Afinal, quem tem razão?

Este caso passou-se num grupo já *maduro*, em que todos se conheciam muito bem e, de uma maneira geral, eram bastante participativos. Antes do início das sessões, enquanto esperavam no corredor, envolviam-se por vezes em conversas várias, de forma muito animada.

Nesta sessão tinham comparecido 8 elementos.

Desta vez o grupo entrou na sala ainda a discutir em voz alta, eram vários temas que discutiam, uma confusão!

Como é de esperar em qualquer discussão acesa é que cada um considere que tem razão, que é o *bom* e que o outro não a tem e que é o *mau*.

Assim, resolvi trabalhar precisamente isto, encenando uma passagem da Bíblia.

Um dos elementos, o Manuel, era um oficial de justiça, católico praticante, usava um crucifixo por fora da roupa, bem visível. Trazia sempre consigo uma pequena pasta. Lembrei-me então de lhe perguntar se, eventualmente, trazia uma Bíblia dentro da pasta. Respondeu afirmativamente e prontificou-se a emprestar-ma, “deliciado” com o meu pedido.

Procurei então em Números 15:32 a seguinte passagem que li ao grupo:

- “Durante a sua permanência no deserto, os filhos de Israel encontraram um homem a apanhar lenha em dia de sábado (para os judeus, qualquer trabalho em Shabat é proibido). Os que o encontraram a apanhar lenha, conduziram-no à presença de Moisés e Aarão (sumo-sacerdote) diante de toda a congregação. Puseram-no em lugar seguro, porque não fora ainda declarado o que se deveria fazer. Então Deus disse a Moisés: - Esse homem deve ser punido com a morte; toda a congregação o apedrejará fora do acampamento. E toda a congregação fez como o Senhor ordenou.”

Propus então ao grupo que encenasse esta passagem bíblica. De imediato a Débora (é juíza de profissão) prontificou-se a assumir o papel do homem prevaricador que apanha lenha em Shabat. O Manuel escolheu o papel de Deus e subiu para a pequena plataforma que existia no espaço dramático para elevar a pessoa. Outros escolheram os papéis de Moisés e Aarão e havia mais do que um “acusador”. Havia também os que se dispunham a ser os carrascos que atiravam pedras ao infeliz. Desempenharam com maestria os papéis a que se propuseram, fazendo, espontaneamente, improvisações que de algum modo tinham a ver com a sua própria maneira de pensar e de sentir. No final foi-lhes pedido um solilóquio. Todos, sem exceção, sentiam que a personagem que desempenharam era uma “péssima pessoa” que “não tinha nada de razoável” e que a discussão que tinham tido no início da sessão afinal não fazia qualquer sentido, não passava de uma inútil descarga de emoções de “egos exaltados”. Espontaneamente resolveram abraçar-se antes de regressarem aos seus lugares no contexto grupal.

Moreno dizia na sua autobiografia: *“A única forma de se libertar da síndrome de Deus é desempenhando-a”* (Cuschnir, 1997)

Considerações Finais

O objectivo central deste trabalho é a partilha de algumas ideias que me têm surgido ao longo do estudo e da minha prática clínica de Psicodrama, tentando, de algum modo, entender os antecedentes vivenciais e culturais de Moreno que o teriam, talvez, influenciado na sua obra. Moreno nasceu numa família judia, não era praticante, mas estudou a Torá e a Cabala e fez o seu Bar-Mitzvá aos 13 anos, conforme a tradição. Tinha uma formação ecléctica, respeitava, de uma maneira geral, todos os credos religiosos. Fala-nos, na sua Autobiografia, de ter fundado a *religião do Encontro* entre os anos 1908 e 1914; um grupo de 5 jovens que se comprometiam a partilhar, no anonimato, amor e doação, vivendo uma vida concreta e directa na comunidade em que se encontravam.

A obra de Moreno e os seus ideais têm sido inspiradores para o meu trabalho de direcção de grupos de psicodrama. Neste trabalho apresentei duas histórias clínicas baseadas em passagens da Bíblia. Mas uso, quando se proporciona, outros temas religiosos para a prática de psicodrama grupal, como por exemplo, jogos de aquecimento através da exploração do número de participantes do grupo nesse dia: se são sete, assumirem os “Sete pecados mortais” (cada um assume um pecado) e o que isso de algum modo tem a ver com a pessoa. Normalmente, neste caso, proponho uma segunda parte em que seriam as “Sete virtudes”. Se o grupo está pequeno e tem apenas três elementos, por vezes proponho que sejam a “Santíssima Trindade” ou a Trindade do Hinduísmo: Brama, Vishnú e Shiva, explicando, obviamente, as características de cada um desses deuses...

Tem sido para mim um trabalho profícuo em termos terapêuticos, aproveitando aspectos das **Conservas Culturais** (neste caso a religião) dos clientes como campo de sementeira da **Espontaneidade**.

Referências:

BULKHA, R. *Torah Therapy*. (1983). U.S.A.: Library of Congress Cataloging in Publication Data

CAMÕES, L. *“Os Lusíadas”*. (1572)

CUSCHNIR, L. *“J.L. Moreno autobiografia”*(1997). Editora Saraiva. (p:53)

HALEY, J. *“Estratégias en Psicoterapia”* (1971). Ediciones Toray, S. A. – Barcelona (pp: 223;230)

MOURA, L. *“O Fruto Proibido”*. (2001). Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, nº6

NUDEL, B.W. *Moreno e o Hassidismo*. (1994). São Paulo: Ágora,

STEINSALTZ, A. *A Rosa das Treze Pétalas: introdução à Cabala e á fé judaica*. (2002). Maayanot

TORRES, A.R. *O Papel de Deus como modelo do director de Psicodrama*. (1994). Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama, nº1.